

www.cstpsol.com

COMBATE SOCIALISTA

PUBLICAÇÃO DA CORRENTE SOCIALISTA DOS TRABALHADORES - CST

PSOL

Tendência Interna
do Partido Socialismo
e Liberdade

nº 40
OUTUBRO/NOVEMBRO 2011

SAMUEL TOSTA

EM DEFESA DO



democrático,
classista
e de luta

3º Congresso Nacional do **PSOL**

São Paulo, 2, 3 e 4 de Dezembro

NÃO VAMOS PAGAR PELA CRISE

Michel Oliveira

Direção Nacional do PSOL

Milhares de norte-americanos ocuparam Wall Street, avenida onde se localiza a bolsa de valores de Nova York, coração do mercado financeiro global. São estudantes, desempregados, veteranos, imigrantes e os trabalhadores com seus sindicatos. Em comunicado oficial o movimento questiona os governantes e as corporações por “determinarem a política econômica, apesar dos fracassos catastróficos que essas políticas produziram e continuam a produzir”. Eles têm toda razão.

A crise econômica piorou. O FMI (Fundo Monetário Internacional) rebaixou as previsões de crescimento mundial. Estamos caminhando para uma recessão na União Européia e uma estagnação nos Estados Unidos (EUA). Desse modo, um cenário provável é uma nova recessão global como em 2009. A diferença é que as revoluções árabes estimulam novas rebeliões, greves e explosões sociais por todos os lados, pois ninguém aceita continuar pagando pelos efeitos da crise.

Os BRIC's são a salvação?

Na assembléia da ONU (Nações Unidas), Dilma insistiu que a superação da crise passa pelos BRIC's (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Mesmo discurso de Lula durante seu giro pela Europa. Tudo baseado nas perspectivas de crescimento das chamadas “economias emergentes”.

No entanto, os BRIC's estão com destino selado à economia internacional. O Brasil depende das exportações para a China que, por sua vez, necessita das compras dos EUA. Estamos no mesmo barco, apesar da diferença de intensidade e ritmo com que seremos afetados.

Os bancos da China estão com problemas, a economia pode desacelerar e outras contradições se acumularam em função da política “anti-crise” de 2009. Por outro lado, cresceram as greves operárias, diminuindo o lucro dos capitalistas e ocorreram rebeliões populares em várias províncias. Caso elas cheguem a Pequim e Xangai, podem questionar a ditadura capitalista do PC (Partido



Manifestantes ocupam Wall Street(EUA) em protesto

Comunista).

Dentre os BRIC's, o Brasil é a economia que menos cresce. O Ministério da Fazenda informa que a economia brasileira desacelerou no 2º trimestre de 2011. Um dos piores setores foi a agropecuária. A produção industrial decresceu 0,3% se comparada ao mesmo período de 2010. A inflação aflige o povo trabalhador. A queda na bolsa de São Paulo e a desvalorização do real indicam que não temos a “solidez” alardeada por Dilma.

Unificar as greves!

O plano de austeridade da Grécia é o modelo dos governos e patrões para saírem da crise: demissões, redução de salários, cortes de verbas sociais e privatizações. O ajuste que Obama aplica nos EUA, após a crise da dívida, tem esse conteúdo.

Em nosso país, seguindo essa mesma lógica, Dilma aprovou a privatização dos Correios (MP 532/2011), tenta acabar com a previdência pública por meio da desoneração dos empresários e da previdência privada aos servidores federais. Para piorar, entrega metade do orçamento nacional aos banqueiros pela via do pagamento da dívida e, com o programa Brasil Maior, repassou novas isenções para os patrões.

Para barrar esse ajuste é necessário fortalecer, unificar e coordenar as greves que enfrentam o arrocho salarial e a super exploração. Correios, bancários e Sinasefe precisam de solidariedade e apoio. O governo PT/PMDB está duríssimo nesses conflitos porque uma vitória desses trabalhadores questionaria o modelo econômico aplicado no país. Nesse sentido, a CUT (PT) e CTB (PC do

B) não fizeram como as centrais gregas e chilenas que convocaram greve geral em seus países. Caso o fizessem, poderiam unificar as lutas, ajudando a derrotar o plano de ajuste de Dilma. Até agora esse método de luta não foi usado por causa da cumplicidade, cargos e apoio dessas centrais ao governo Dilma/Temer.

Necessitamos suspender o pagamento da dívida, canalizando esses recursos para as áreas sociais, revogando as privatizações e anulando as reformas neoliberais. Ao invés de seguir resgatando bancos e empresas falidas com o dinheiro do Estado, exigimos a estatização dos bancos e das empresas que venham a demitir funcionários. Queremos reajuste de salário, aumento do salário mínimo, redução da jornada e do ritmo de trabalho!



COMBATE SOCIALISTA

PUBLICAÇÃO DA CORRENTE SOCIALISTA DOS TRABALHADORES
CST/PSOL - SEÇÃO DA UNIDADE INTERNACIONAL DOS TRABALHADORES - UIT
www.uit-ci.org

Av. Gomes Freire 367 - 2º andar - Centro - Rio de Janeiro
Telefone (21) 2507-9337 - combatesocialista@gmail.com

Editoria: Sílvia Santos e Rosi Messias
Correção: Eloísa Mendonça e José Mario "Makaiba"
Diagramação e projeto gráfico: Marcello Bertolo

As matérias assinadas são de responsabilidade dos autores e colaboradores

RIO DE JANEIRO

O inferno astral de CABRAL

Rosi Messias e
Eloisa Mendonça

PSOL-RJ

Em menos de um ano de mandato, o Governo Sergio Cabral (PMDB) vive uma profunda crise política e social. Por um lado esta situação se deve à piora nas condições de vida da população, com crise em diversas áreas sociais, na segurança pública e nos vários escândalos de corrupção; por outro lado, à heróica mobilização dos bombeiros que colocou em xeque sua política. Um dos carros-chefes que garantiu a reeleição de Sergio Cabral, tem sido também um dos seus principais pesadelos: a segurança pública. Enquanto promove uma verdadeira faxina étnica nas ocupações de morros e favelas, removendo famílias de forma autoritária, para garantir os espaços à iniciativa privada, seguem os escândalos envolvendo a polícia militar, milicianos e traficantes. São muitas as denúncias de corrupção entre policiais e bandidos e até o assassinato da juíza Patrícia Acioli tem como suspeito de ter sido mandante o comandante do 22º BPM - Maré. Esta situação levou à queda de parte da cúpula da Segurança Pública.

Já se constata o aumento da criminalidade em diversas áreas das UPP's, denúncias da população da forma truculenta como estas têm sido tratadas, já que o cerne deste tipo de ocupação é baseado no controle policesco de um território,

enquanto as questões sociais são deixadas de lado. E as implantações são em áreas onde o interesse privado é latente, pois os empreendimentos para os eventos esportivos fizeram crescer brutalmente a especulação imobiliária.

Os investimentos a serviço do capital privado

Com a desculpa da preparação das obras para os mega eventos que se avizinham, vivemos em um estado de exceção. Obras são aprovadas sem licitação, cresce a isenção de impostos e os despejos de milhares de famílias, intervenções na cidade estão em desacordo com legislações de planejamento urbano e proteção ambiental, assim como transferências de grandes quantias de recursos públicos para poucos grupos privados, extrema falta de transparência e nenhuma participação da população nas decisões que estão sendo tomadas.

As empresas beneficiadas para as grandes obras obedecem à lógica do financiamento público, através de recursos financeiros, terras e espaços públicos, transformando o estado em um gerenciador e financiador dos negócios privados. E são as mesmas empreiteiras que financiam as campanhas eleitorais das candidaturas de Cabral e Paes, como Odebrecht, Camargo Correa, OAS, Queiroz Galvão, Eike Batista. Outro exemplo são as polpudas isenções fiscais concedidas pelo Estado como à CSA



Bombeiros acampam em frente à ALERJ por salário digno

(Companhia Siderúrgica do Atlântico) da Thyssen Krupp (Alemanha) que foi agraciada com a isenção de R\$ 695 milhões. Sendo que há fortes denúncias contra a Companhia que envolve o descumprimento de direitos trabalhistas a violações ambientais e sociais.

Por isso, apesar de sermos o estado com o 2º maior PIB do Brasil - por conta de grandes projetos nos segmentos de petróleo, energia e siderurgia, mais os investimentos para os eventos - a dívida pública do Estado disparou, em 1998 era de R\$ 18,5 bilhões, hoje está em R\$ 58,9 bilhões, endividamento corroborado pelos juros mais altos do mundo.

Os péssimos serviços públicos!

A Assembleia Legislativa acaba de aprovar a implementa-

ção das Organizações Sociais, leia-se a privatização da saúde no Estado, fato que levará a uma piora ao já considerável caos da saúde pública. Nas UPA'S e nos Hospitais não há médicos, e nem há leitos suficientes para atender a população. No transporte, além dos graves problemas de superlotação e de corriqueiros acidentes nas barcas, trens e metros, soma-se o grave acidente com o bondinho do bairro de Santa Tereza, evidenciando o verdadeiro descaso do poder público com a população e como as concessões dos transportes de massa à iniciativa privada promovida pelo Estado, são um desastre.

Derrotar a política de Cabral e Paes

A heróica luta dos bombeiros abriu o caminho para outras categorias.

Neste contexto tivemos a greve dos professores, a mobilização dos servidores da saúde, os protestos contra a corrupção e dos moradores de Santa Tereza exigindo a saída do Secretario de Transporte Julio Lopes. E os bombeiros recém iniciam uma campanha pelo "Fora Cabral", indo além da luta salarial, concluindo que é necessário derrotar a política do governo estadual. O PSOL e os mandatos de Janira e Marcelo Freixo vem desempenhando um importante papel em apoio a estas lutas. O PSOL vem se fortalecendo como o principal partido de oposição no estado. Neste sentido, a pré-candidatura de Marcelo Freixo a prefeito do Rio de Janeiro pode se converter em uma alavanca para o fortalecimento de uma verdadeira alternativa de oposição de esquerda colado as lutas sociais.

GREVE DOS BANCÁRIOS

A luta é por salário e valorização profissional

Quando fechávamos essa edição a Justiça do Trabalho tinha julgado o Dissídio da Greve de Correios obrigando os funcionários a voltar ao trabalho. Os Bancários seguiam firmes na luta. CS entrevistou Claudemir Teixeira, bancário da Caixa Econômica Federal de São Luís - MA, que nos falou da luta da categoria.

CS: Quais razões levaram à greve nacional?



Claudemir: Vivemos um cotidiano cada vez mais difícil. Precarização do trabalho, rotatividade, baixos salários, assédio moral e adoecimento. Ficamos dois meses em negociação com os

bancueiros, porém não houve avanços e a proposta deles para a categoria foi de 8% de reajuste o que significa 0,56% de ganho real. Enquanto isso a CEF lucrou 36,4% a mais neste semestre em relação ao primeiro semestre do ano passado a. O BB foi mais 23%, o Banrisul mais 43,8%.

CS: Como está a greve em todo país?

Claudemir: É a maior greve dos últimos 20 anos. Isso demonstra uma disposição de luta que cresce a cada ano. Hoje estamos no 14º dia de greve. Mais de 8.900 Agências e centros administrativos estão parados.

CS: E a direção da federação da categoria, como tem atuado?

Claudemir: A CUT atua sempre privilegiando o seu apoio ao governo em detrimento das demandas dos trabalhadores. Não à toa, mesmo com a orientação do governo federal para que corte o ponto dos grevistas, não há sequer uma linha da direção da CONTRAF - CUT repudiando esta medida.

CS: Quais as perspectivas da greve?

Claudemir: Creio que são boas, sobretudo pela força da própria greve. Temos exemplos que marcam um caminho para a categoria, como no RS, onde companheiros da Unidos pra Lutar nos relataram que no Banrisul a base derrotou em assembleia a proposta do sindicato (CUT/PT) de acabar com



a greve com uma proposta que não os contemplava.

CS: O que propõe a Unidos pra Lutar?

Claudemir: Somos uma tendência sindical nova e acreditamos na unidade dos que lutam para obtermos conquistas. É a partir da base que vamos ter um novo caminho para o movimento

sindical em bancários. Apostamos em disputar cada espaço, seja ele uma assembleia, eleição de delegados sindicais, CIPAS ou encontros regionais, com uma política conseqüente e independente de patrões e governo. Só assim seremos capazes de superar os burocratas encastelados em nossos sindicatos.

GREVE DOS CORREIOS

Decisão da Justiça do Trabalho é um atentado contra liberdade sindical

Douglas Diniz

Unidos pra Lutar

Após 28 dias parados terminou a greve dos trabalhadores dos Correios. Não temos dúvida que a categoria fez sua parte, inclusive derrotando em assembleias, propostas de acordos rebaixados entre a direção da empresa e a direção da FENTECT (PT/CUT e PCdoB/CTB) que junto com o governo Dilma, a imprensa e o judiciário jogaram pesado para derrotar o movimento.

Os trabalhadores dos correios, sem reajuste salarial há mais de 2 (dois) anos, fizeram uma heróica greve por salário, melhorias nas condições de trabalho e contra a privatização da empresa, projeto já aprovada na Câmara dos Deputados.

Foi uma greve contra a direção da Federação que na campanha salarial passada (2008/2010), após receber ordens do Presidente Lula, assinou, sem o consentimento da categoria, um acordo que arrochou

ainda mais os salários.

A decisão da justiça em obrigar a categoria a retornar ao trabalho foi um atentado contra a liberdade e autonomia de organização que devem ter os trabalhadores brasileiros. "É inadmissível que os Juizes do TST, sem condenar judicialmente à empresa pelas péssimas condições de trabalho impostas à categoria e sem apurar uma só denúncia de assédio moral feita pelos trabalhadores, tenham o poder de decidir conflitos e de aplicar multas sobre

a federação e seus sindicatos", afirmou Afonso Rufino presidente do SINTECT/AM.

"A decisão da "Injustiça do Trabalho" não levou em consideração o arrocho salarial que passa nossa categoria, nem nossa exigência pela contratação de mais 30 mil trabalhadores para a empresa, o que aumentaria a eficiência na prestação de nossos serviços e diminuiria o estafante ritmo de trabalho que somos submetidos para cumprir prazos" disse Luciano

Robinson o "Cazuza" membro da diretoria executiva do SINTECT/RS. "Agora, é necessário impedir a privatização dos Correios", concluiu Cazuza.

Sem a unidade teria sido impossível deflagrar a campanha salarial desse ano, que mesmo sem vitórias econômicas teve o mérito de se impor contra a política de conciliação por parte da direção da FENTECT. A luta continua por uma nova direção para a Federação!

Fórum de Lutas do Vale do Paraíba/SP

Ao calor de muitas greves por PLR no setor industrial e de serviços, e de outras reivindicações no serviço público municipal, se formou o Fórum de Lutas da região. Com ele participamos nas campanhas salariais, nas manifestações contra o aumento do salário dos vereadores e contra a corrupção. Está se distribuindo a segunda edição do "Jornal da Luta" em diversas categorias. Para explicar melhor esta unidade entrevistamos alguns dos participantes. José Ademir - Presidente do Sindpetro SJC, Zé Carlos - Presidente do Sindicato dos Condutores, Wellington Cabral e João Rosa - Coordenadores do STIQPF/SJC, Décio Aparecido e Marcos Antonio Valva (Marcão) - Coordenadores do STIA SJC e Nivaldo Moreira - vice-presidente do STPMJ (Municipais de Jacareí)

CS: Qual a importância do Fórum de lutas?



Ademir: Entendo de muita importância, pois no Fórum socializamos as demandas dos trabalhadores, as formas de atuação e mesmo a forma que somos atacados. As reuniões do Fórum servem para formar e informar os participantes e estes princípios básicos: formação e informação são os que nos levam a expor nossas ideias e nossos anseios.

Temos que atuar de forma institucional e organizada para não cairmos em descrédito, e inclusive levantar o nosso conceito junto a sociedade devido aos trabalhos que fazemos. O esforço grande deve ser visar a participação de todos, pois se isto não ocorrer não teremos êxitos na empreitada. Devemos ver os pontos positivos que nos agregam sem a intenção de sobrepormos aos outros e nem criticar de forma destrutiva. Isso com o intuito apenas de buscar o que é melhor para os trabalhadores e não visando interesses particulares.

CS: Qual é a repercussão na categoria que você representa?

Ademir: A repercussão de organização e força sempre é vista com bons olhos. Todos veem na organização e na unificação a força para a luta, mas tem visto isto só do lado da patronal e, portanto também dos governos. Temos muito que trilhar para avançar!

CS: Por que o Sindicato dos Condutores do Vale participa do Fórum?



Ze Carlos: Participamos porque acreditamos que a luta da classe trabalhadora é uma só e que através do Fórum conseguimos unificar grandes lutas na região, com grande avanço nas mobilizações e conquistas aos trabalhadores. É muito positivo que todos os lutadores independentemente de central sindical ou agrupamento político, possam participar, ou seja, é unidade na luta mesmo! Temos reuniões periódicas no Fórum para discutirmos democrática-



mente as demandas das lutas da região. O Fórum de Lutas é um exemplo que deve ser seguido pelo movimento sindical combativo em todo país.

CS: Na sua opinião, por que a Conlutas não participa do Fórum?

Ze Carlos: Eles estão perdendo uma grande oportunidade de se unir aos demais sindicatos na luta geral dos trabalhadores. Infelizmente para os companheiros da CSP-Conlutas, quem não está com eles ou não fala a mesma língua deles, é pelego! E com essa política se tornam sectários e divisionistas.

CS: Que papel cumprem as centrais sindicais?



Cabral: O papel cumprido pelas direções das Centrais Sindicais é nefasto! Negociam a redução de direitos, traem os trabalhadores a exemplo de Jirau com a demissão de 4 mil trabalhadores. Uma vergonha! O Fórum é um canal para organizar os lutadores, por isso vêm sindicatos cutistas que não encontram em sua central apoio para unificar as lutas. Nós químicos, iniciamos a campanha salarial e para nós é muito impor-

tante o apoio de todos os nossos parceiros na luta.

CS: Quem participa do Fórum? Tanta diversidade não atrapalha?



João Rosa: Participam Químicos, Condutores, Alimentação, Petroleiros, Vidreiros, Sindicatos Municipais e SindSAEA de Jacareí, Oposição APEOESP-Unidos, Médicos e Oposição dos Servidores de SJC, CMP, Ambientalistas, (OJE) Organização de Jovens e Estudantes. Aqui tudo funciona por consenso. Temos acordo na crítica tanto aos governos do PSDB como a Dilma e os governos municipais do PT.

CS: Como é participar de um fórum com sindicatos filiados a distintas Centrais?



Décio: Nós somos da Unidos pra Lutar, temos propostas e convicções de esquerda. Mas, nós sabemos que a maioria dos sindicatos são de outras centrais e muitos deles fazem luta todo dia. Se permanecemos separados a patronal nos derrota. Unir os que lutam é fundamental

nesta conjuntura de greves.

CS: Como ajudou a unificação?



Marcão: Na greve da Ambev (Brahma) a unidade foi um sucesso. É claro que sem a disposição dos trabalhadores não há greve que se sustente, e isso estava dado. Mas quando a peãozada vê um monte de sindicalistas, dois caminhões de som e gente disposta a enfrentar a repressão policial, fortalece o triunfo.

CS: O que ensina a experiência do Fórum?



Nivaldo: Somente com a unidade dos trabalhadores conseguiremos deter os ataques dos patrões, dos governos e políticos corruptos travestidos de autoridade, que se tiverem oportunidade atropelam trabalhadores e cidadãos. Em Jacareí, um manifesto composto por sindicatos, servidores e população contra os 100% de aumento nos subsídios dos vereadores, dificultou as ações deles, que agora falam na revogação do projeto.

DERROTAR A TENTATIVA DE DOMESTICAR O PSOL

Silvia Santos

Executiva Nacional do PSOL

Numerosos textos foram apresentados neste terceiro pré congresso do PSOL. Todos eles apresentam visões, propostas e balanços. No entanto, há um texto que merece especial atenção: é o encabeçado pelos companheiros Milton Temer, Martiniano, Jefferson, José Luis Fevereiro e Janira Rocha, que aborda a estratégia do Partido e nesse novo marco localizam as tarefas da conjuntura. Os companheiros nos apresentam uma proposta que, caso o partido venha a adotar, significará o abandono do programa e do projeto original do PSOL, como partido socialista independente de luta e de classe, para se converter numa caricatura trágica do PT. Por esta razão, é que fazemos um chamado aos militantes do partido a acompanhar este debate e a combater suas propostas, ratificando os objetivos fundamentais pelos quais fundamos o PSOL. Neste texto, apresentaremos uma síntese da nossa resposta à Tese dos companheiros.

A mudança estratégica que propõem: uma volta ao reformismo

Os companheiros no seu texto não esclarecem que sua proposta significa uma mudança da estratégia e do caráter do PSOL, uma vez que se contrapõe ao que afirma nosso programa.

Tiram como conclusão que as revoluções russa, cubana e chinesa fracassaram pelas estatizações, por ter utilizado a violência e por ter um governo dos trabalhadores e camponeses. E defendem, em nome da atualização aos novos tempos, que as mudanças se darão com base num amplo processo de negociação social, de disputa da hegemonia com eixo na democracia e na liberdade. Infelizmente, os companheiros são parte dos que acreditaram na campanha imperialista do “fim do socialismo” com a queda das ditaduras totalitárias falsamente comunistas. E associam o termo “ditadura do proletariado” à horrorosa ditadura contra o proletariado que a buro-

cracia estalinista impôs nos países do chamado “socialismo real”.

Pois bem, a proposta dos marxistas não é outra que o governo dos trabalhadores, dos camponeses e dos setores populares, que deverá se impor derrotando a violência da classe dominante, e deverá reprimir os levantes contra revolucionários das classes dominantes derrotadas que jamais renunciaram nem renunciarão aos seus privilégios através de nenhuma “negociação”.

O “socialismo real” fracassou não por excesso de expropriação, mas por burocratismo, por usar o controle da nova economia expropriada para usufruir privilégios particulares monstruosos, e finalmente, abandoná-la para se converter em donos das empresas, das terras, etc. como vemos hoje na Rússia, no leste europeu, no Vietnã ou na China, e como também começou a acon-

tecer, infelizmente, em Cuba.

Não fracassou por ter utilizado a violência. O problema é que a violência foi utilizada contra o povo, contra a vanguarda que fez a revolução, e não por acaso a burocracia da União Soviética massacrava o comitê central do Partido Bolchevique, fez os processos de Moscou e mandou para a morte e os campos de concentração milhares e milhões de opositores e lutadores.

A necessidade da insurreição, da violência revolucionária para responder à violência da burguesia e a necessidade de acabar com a máquina do estado burguês para construir outra radicalmente diferente constitui o ABC do marxismo, enriquecido pela experiência da Comuna de Paris. Por esta razão afirmamos que a proposta dos companheiros é uma proposta de ruptura com o marxismo, com o socialismo científico.



Uma proposta afastada da realidade

A proposta dos companheiros, no seu afã “renovador”, se choca com a realidade. Existe uma gravíssima crise da economia capitalista imperialista, que se alastra desde 2007/2008, que nasceu nos EUA, chegou com força na Europa, e têm repercussões, com maior ou menor intensidade, no mundo todo, provocando revoltas, insurreições, greves gerais, ocupações, movimentos dos indignados (Grécia, Espanha, Reino Unido, Wall Street), revoluções como as da Tunísia e Egito e guerras civis como na Líbia. Crise que também é política, pois desmascara os governos a serviço do Capital, e também militar, vide a derrota da coligação imperialista no Iraque e no Afeganistão.

Pois bem, quando existe mais crise, os companheiros nos propõem administrar e reformar o capitalismo! Quando existem mais levantes e lutas, que enfrentam as políticas econômicas, os governos e seus regimes, nos propõem negociar! Quando existe um generalizado repúdio à falsa democracia do Capital, quando as massas começam a tirar conclusões de que é necessária a sua ação direta, nos propõem como eixo votar! E ganhar espaço na institucionalidade burguesa.

O Socialismo do Século XXI que os companheiros nos propõem seria um retrocesso do PSOL às teses socialdemocratas. Teses essas, que significam a luta pacífica e parlamentar do “socialismo” fracassado do século XX, integrado aos regimes da falsa democracia e agente servil do Capital, precisamente quando setores de massas o estão rejeitando nas greves, praças e ruas da Europa e do mundo.

Rebaixar o programa para ampliar alianças: o caminho da degeneração petista

Também no Brasil, a visão dos companheiros é afastada da realidade. Vêem o governo Dilma mais forte que o de Lula; acham que a economia está descolada da crise da economia mundial; e definindo uma correlação de forças tremendamente desfavorável para o povo, prognosticam que a mesma se manterá até outubro de 2014, e por este motivo, não teríamos outra tarefa senão procurar uma candidatura presidencial que possa criar um colapso institucional. Sendo assim, foram visitar (também em nome da ex Presidente do PSOL, Heloisa Helena) a candidata das multinacionais e das ONG's, Marina Silva – ex PV – como bem denunciou o companheiro Osmarino Amâncio que se desligou do MTL por causa do apoio à Marina.

Não por acaso, os companheiros voltam a defender o programa democrático e popular, que começou com propostas positivas (ainda que insuficientes), mas, sempre com uma concepção de realizar mudanças pela via institucional. Por conta disso, o PT foi ampliando alianças e rebaixando seu programa para finalizar tristemente na Carta ao Povo brasileiro!

Um exemplo do rebaixamento que nos propõem podemos ver no RJ, na proposta votada pela maioria da Executiva Estadual, com exceção da CST (CSOL e LCR não estavam presentes). Com base para dialogar com futuros parceiros, uma vez que Marcelo Freixo, pré-candidato à Prefeitura do RJ, tem uma forte presença e simpatia em importantes setores da população, os companheiros, em nome de “disputar o poder”, propõem quatro eixos genéricos de plataforma eleitoral para 2012, como base para dialogar com futuros parceiros. O problema é que ao não dizerem como alcançarão esses eixos, nem a quem beneficiarão e nem de onde sairá o dinheiro para implementá-los, acabam

fazendo promessas demagógicas. Vejamos:

- Uma cidade pública, inclusiva, com controle social e investimentos em serviços que atendam às necessidades de quem mora no Rio. (Gestão Pública Transparente e acessível à Consulta Cidadã, nos seus Contratos, Orçamento, garantindo Instrumentos de Participação e Controle Social. Prestígio à Seguridade Social, com modelo de Desenvolvimento Econômico voltado para uma melhor distribuição de Renda e garantia de Trabalho)

- Uma cidade limpa, ambiental e socialmente justa e sustentável. (Ecologia Urbana, Saneamento, Lixo, Desenvolvimento Econômico compatível com Meio Ambiente protegido, Tributação progressiva).
- Uma cidade de direitos, com qualidade em serviços públicos e baixas tarifas. (Educação, Saúde, Transporte, Moradia, Saneamento Básico, Iluminação).

- Uma cidade livre e segura, com ocupação humanizada nos espaços públicos. (Segurança Pública, Urbanização, Cultura, Liberdade e Diversidade).

Por exemplo, como iremos conquistar serviços públicos de qualidade com baixas tarifas? O metrô, os trens, as barcas e os ônibus, todos eles com péssimo serviço e altos preços, foram concedidos à iniciativa privada. Mesma coisa com a energia elétrica, por exemplo. Iremos rever as concessões? Reverteremos as privatizações? Ou vamos nos comprometer a cumprir com todos os contratos? O que vamos fazer para enfrentar a Lei de Responsabilidade fiscal, a dívida da Prefeitura, os contratos mafiosos das obras da Copa e das Olimpíadas? E com as remoções?

Uma proposta para Gabeira e o PV

Esta base programática de “governar para todos” está pen-

sada para agradar Gabeira e o PV do Rio. Infelizmente, em Belém é a APS que defende ampliar para o PCdoB, partido governista dos desmatadores e dos burocratas da CTB e da UNE!

Mas governar é contrariar interesses, e para enfrentar as quadrilhas do poder econômico e da corrupção, mais poderosas que as das milícias, será necessário que haja muita mobilização social e enfrentamento, e não “negociação” como prega o documento. Do contrário, não haverá ruptura e sim continuidade e conciliação. Os companheiros do MES, que apoiam a aliança com Gabeira, pois haveria “deslocamento à esquerda no PV do Rio” não conseguem dar um único exemplo desse tal deslocamento. Pois não existe. O que existe é uma tática oportunista para conseguir alguns minutos mais de TV, à custa de mudar o caráter do PSOL.

Este é o dilema de ferro que o PSOL enfrentará neste congresso. Especialmente naqueles Municípios onde o PSOL tem chances de disputar pra valer, como Rio e Belém. Tem uma lei não escrita que diz: quando um partido de esquerda tem alguma chance eleitoral, mais crescem as pressões da burguesia para domesticá-lo. Através dos “formadores de opinião”, dos jornalistas, dos oferecimentos, dos apoios, “da opinião pública”, das homenagens, tudo com o objetivo de domesticar o candidato e o partido. Como resistir? Não se trata assim de não disputar as eleições. Trata-se de disputar a classe trabalhadora, os funcionários públicos, professores, bombeiros, enfermeiros, moradores de comunidades, desempregados, juventude, para um projeto de confronto com o atual poder político e econômico, que obrigatoriamente deverá estar vinculado a um projeto nacional.





UNIVERSIDADES 110 DIAS LIÇÕES DE UMA GREVE PELA BASE

Pedro Rosa

Diretor da Fasubra
e do SINTUFF

A greve dos servidores das universidades públicas significou um intenso enfrentamento com o governo Dilma e com seu braço sindical (CUT/CTB). Uma greve dura, que saiu sem ganho financeiro, mas com alguns aprendizados importantes, longe do sentimento de derrota. Elementos novos na história da Fasubra marcaram esta greve. O governo do PT/PMDB está aplicando um plano de ajuste contra o serviço público brutal, que vai muito além do arrocho salarial. Entramos em greve enfrentando a ameaça de congelamento salarial por 10 anos, e no pós-greve já estamos numa campanha contra o PL 2203/11 que reduz o salário dos médicos federais em 50% e nos preparando para enfrentar possíveis demissões com o PL 248/98. Para garantir a aplicação de seus projetos, o governo PT/PMDB usou até a justiça para proibir a greve, com os interditos proibitórios, inaugurando na Fasubra um

método pior dos utilizados por FHC ou os governos militares.

A burocracia sindical governista (PT/PCdoB) não teve limites para defender seu governo

Foi capaz de retirar suas entidades da greve, ignorar resolução de suas assembleias, falsificar atas, articular com o governo a ação judicial contra a greve, pois a maioria das entidades por eles controladas ficaram de fora da ação judicial. Mas a greve demonstrou que a base não aceita em silêncio o plano de ajuste, nem as traições das lideranças sindicais, e foi capaz de conduzir uma greve que atropelou a direção burocrática. Por isso, uma das conclusões é que não é possível nenhum pacto de convivência pacífica com a burocracia governista, é necessário derrotá-la em todos os espaços, na Fasubra e nas bases. Isso se reflete no sentimento de unidade dos que lutam para derrotar os pelegos. Para a servidora Val, que participou do Comando de Greve da UFRJ: “A

burocracia está desesperada, pois nunca surgiram tantas novas lideranças como no calor desta greve, a exemplo da UFRJ. Em universidades onde nunca houve oposição, e reinava sozinha a direção majoritária da CUT ou a CTB, várias assembleias atropelaram as direções e começaram a surgir novos lutadores.

As ações mais radicalizadas obtiveram êxito

Em algumas universidades houve a unidade com os estudantes e disposição de ações mais radicalizadas. Fortes ocupações das reitorias obrigaram os reitores a negociar demandas internas nas universidades, destacando-se a UFPR e a UFF. Na UFF, o reitor foi derrotado, sendo obrigado a retirar a PM, chamada para reintegração de posse, e a atender a 90% das principais pautas estudantis, inclusive proibir novas matrículas dos cursos pagos na pós-graduação. Para os servidores em greve, o maior triunfo foi a devolução do pagamento do adicional de insalubridade

de para a maioria dos processos judiciais, luta que se arrasta há dois anos. Estes exemplos têm que servir para lutas futuras, pois perdemos a oportunidade de nacionalizar as ocupações de reitorias e ocupar ministérios, quando fizemos o acampamento e a marcha em Brasília. Diante da intransigência do governo, somente uma resposta unificada e mais forte das categorias em luta possibilitará o triunfo.

As alternativas de direção

É preciso superar os erros! Também nesta greve as diversas correntes de oposição foram colocadas a prova. Infelizmente, os companheiros da direção da Conlutas não tiveram como eixo unificar todos os trabalhadores das Universidades a partir da sua vanguarda indiscutida que foram os técnicos administrativos. Sendo que, a Conlutas dirige Andes e Sinasefe, cujo eixo de luta foi a marcha à Brasília e a campanha pelos 10% do PIB para educação, e não a defesa das greves em curso contra os ataques governistas à Universidade Pública. Por dentro da

Fasubra também houve debilidades, pois muitos dos dirigentes da esquerda vacilaram e outros não dirigem sequer suas entidades, ficando presos na superestrutura. A Intersindical, por exemplo, se aliou aos dirigentes governistas, combatendo outros setores da oposição classista na UFRJ e UNIFESP. Com a greve e o surgimento da nova geração de lutadores abriu-se a possibilidade de construir uma nova direção para a categoria: autônoma de qualquer governo, reitor ou partido, presente nas bases, incorporando os novos ativistas e os jovens em estágio probatório que ousaram dirigir a greve em seus estados. Nós da Unidos pra Lutar, além do empenho na greve, agora intensificamos a visita às bases e reuniões com dirigentes da greve de várias universidades para que, com uma avaliação comum, tracemos as novas tarefas. Entre elas, o Congresso da Fasubra para batalhar por uma nova direção e manter vivo nas universidades a luta por melhores condições de trabalho, assim como apoiar as demais categorias em greve.

AS OCUPAÇÕES DE REITORIA E OS INDIGNADOS BRASILEIROS

FOTO: ZULMAIR ROCHA

Marco Antônio Pelaez
Juventude Vamos à Luta/UFF

Ocupação da Reitoria da UFF



A juventude brasileira voltou a ser manchete dos jornais nos últimos meses. Além das grandes manifestações contra a corrupção em várias cidades no dia 7 de setembro e agora em 12 de outubro, assim como as passeatas contra o aumento da tarifa de ônibus em Teresina-PI, as ocupações de reitoria são a marca de uma geração que cansou de esperar a boa vontade dos reitores e do governo para que solucionem os nossos problemas. O clima tornou-se mais favorável aos lutadores, pois rebeliões sacodem os quatro cantos do planeta, e hoje já deixou de ser piegas falarmos em revoluções. Com Wall Street ocupada e manifestações idênticas se espalhando por dezenas de cidades americanas, temos a certeza que o questionamento ao regime político e econômico está mais forte do que nunca.

As ocupações

Todas as ocupações de reitorias saíram vitoriosas em suas pautas. É verdade que o movimento não conseguiu articular nacionalmente as pautas colocadas, pois o esgotamento do REUNI foi o detonador principal das ocupações. Foram ocupações antigovernistas e antiburocráticas com o engajamento da base. A equação: contradições do REUNI + corte de verbas + instabilidade política do governo federal + situação mundial (crise e rebeliões) + custo de vida elevado (inflação, tarifas de ônibus, preço dos alimentos, etc.), + a

disposição de luta da juventude, é a combinação que está gestando os indignados brasileiros. As ocupações trouxeram de volta também, um perfil classista do movimento estudantil, pois o apoio à greve dos servidores foi uma das bandeiras gerais mais agitadas nas manifestações. A unidade entre os estudantes e trabalhadores foi fundamental, assim, vimos que este é o caminho.

O papel da UNE chapa branca

Do outro lado da trincheira a jornada da UNE em Brasília foi um grito sem eco, já que não refletiu a luta direta das ocupações. Pelo contrário, tentou armar um palco para Dilma na audiência que tiveram com ela, que como sabemos, está comprometida com os banqueiros e empreiteiros, e não com os estudantes e trabalhadores. Nenhuma das ocupações ocorreu por vontade ou linha da direção majoritária da UNE, e se os mesmos chegaram a "visitar" alguma delas, foi para não se desmora-

lizarem ainda mais perante os estudantes.

A campanha dos 10% do PIB para a Educação A campanha dos 10% do PIB para a educação, uma bandeira correta, tem que partir dos problemas concretos, começando pela denúncia do corte de verbas da educação e da crise do REUNI. Em nossa opinião, é urgente a articulação dos nossos movimentos para a nova dinâmica de luta que se abriu, de ocupações e passeatas, de mobilizações educativas para toda uma nova geração que tem surgido. Os comitês de base que devemos construir na campanha dos 10% para a educação, funcionarão como comitês de mobilização concreta, e para além de formar as pessoas nos debates sobre financiamento, organizarão as mobilizações pelas pautas concretas, como ocorreu com as ocupações de reitorias. Não estamos em um momento de passividade da juventude, mas de luta, como os trabalhadores em todo o país. É necessário enfrentarmos

as reitorias que aplicam os projetos de Dilma para a universidade. Neste sentido, lamentamos que na UFPA, umas das maiores universidades do país, os setores da esquerda que são majoritários no DCE (ANEL e Juntos), tenham uma linha de passividade com a atual reitoria.

Organizar um Fórum de DCE's para fortalecer uma nova direção

A oposição da UNE hoje dirige a maioria dos DCE's das públicas, por isso temos uma responsabilidade de coordenar e unificar as ações. É urgente uma reunião dos DCE's referenciados na oposição de esquerda à direção majoritária da UNE, para que articulemos um Fórum de DCE'S. Os pontos programáticos devem ser os mesmos das ocupações da UFF, UFPR, UnB entre outras, como os de nossa chapa no último congresso da UNE, que servirão como um marco inicial dessa construção: 1 - *Oposição de esquerda ao Governo Dilma/Temer;*

2 - *Oposição de esquerda à Direção Majoritária da UNE;* 3 - *Democracia na gestão da oposição.*

Desde a Juventude Vamos à Luta, nos colocamos à disposição para a construção desse fórum e dessas políticas.

PRINCIPAIS CONQUISTAS DAS OCUPAÇÕES

UFF – Fim dos cursos pagos, aplicação do resultado do Plebiscito que decidiu a gratuidade de todos os cursos, cancelamento do convenio com a prefeitura para construção da Via Orla, construção de mais bandeijões.

UNB – Fim do contrato com a construtora do Prédio que não entregou no prazo a obra e novo contrato que garante a entrega imediata e compra de equipamentos e carteiras para o campus da Ceilândia.

UFPR – RU aberto todo dia, com café da manhã, construção de moradia estudantil em Curitiba, Palotina e Litoral, aumento de 50% no número de bolsas e reajuste anual em relação à inflação com aumento já de 20%.

A MARCHA INDÍGENA ROMPE O BLOQUEIO E AVANÇA SEM PARAR

Os indígenas, que marcham há 40 dias para que uma estrada, que beneficia apenas as transnacionais, não destrua o território indígena e Parque Nacional Tipnis, foram vítimas de uma selvagem repressão policial no dia 25 de setembro. Mas, este brutal ataque, longe de derrotar a marcha, despertou uma imensa mobilização e solidariedade popular. A marcha indígena conquistou um primeiro triunfo parcial obrigando o governo a retirar a polícia e retomou mais forte, sem parar, em defesa de seu território.

La Protesta

da Bolívia, especial para CS

A marcha, a pé, partiu em 15 de agosto de Trinidad, a 600 km de La Paz, e chegou a incluir duas mil pessoas com a principal reivindicação “No a la carretera por el Tipnis” (Não à estrada pelo Tipnis) embora incluía outras demandas e outros povos indígenas. Evo Morales acusou os “marchistas” (marchantes) de “agentes do imperialismo e da direita” e de “oporem-se ao progresso”. No entanto, a marcha conquistou um apoio popular majoritário. A popularidade de Evo caiu a 37% no final de agosto.

Por não poder pará-la de nenhuma forma, o governo recorreu a uma violenta repressão no dia 25 de setembro (ver nota). Mas o tiro saiu pela culatra.

Tentaram levar os presos indígenas de volta para Trinidad, mas ao passar por San Borja (a 40 minutos de viagem), foram impedidos por uma rebelião popular nessa cidade. Então foram levados a Rurrenabaque (a 3 horas de viagem por outra rota) na tentativa de transportá-los de avião. No entanto, nessa pequena cidade, na manhã de segunda-feira, houve outra rebelião popular que ocupou o aeroporto e liberou os presos após a fuga dos policiais.

Na segunda-feira, dezenas de milhares foram às ruas: “si esto es el cambio, el cambio es una mierda!” (se essa é a mudança, a mudança é uma merda), clamavam.



A Central Obrera Boliviana já realizou duas greves gerais (28 de setembro e 6 e 7 de outubro) com grandes mobilizações em La Paz e outras cidades, reivindicando o cumprimento de um acordo salarial com o governo e em solidariedade aos indígenas.

O governo do “Yo no fui”

Na segunda-feira, explodiu a indignação no país. Nesse dia à noite (28 horas após a selvagem repressão), em um discurso incomum, Evo disse que não havia dado a ordem de reprimir e que “repudiava” a repressão policial. Por que então não deu uma contraordem durante 28 longas horas? Os feridos seguem até hoje sem que o Estado se encarregue de seus cuidados (Celso Padilla, presidente da Assembléia do Povo Guarani ainda está internado, assim como outros feridos).

Na quarta-feira, o vice-presidente Alvaro García Linera, afirmou, sorrindo na TV, que sabia quem tinha dado a ordem. Até o final dessa nota não

disse quem foi.

Antes do discurso, a ministra da Defesa havia renunciado, com uma carta dizendo que estava em desacordo com a repressão. O promotor disse que não havia dado a ordem. Sacha Llorenti, o ministro de Governo, que publicamente justificou a repressão, renunciou, dizendo antes que ele tampouco havia dado a ordem e acusou o vice-ministro que já havia renunciado. Os policiais ameaçam um motim... Um grupo de mulheres, esposas de policiais, anunciou que vão juntar-se a marcha indígena para protegê-la.

No entanto, e ainda que Evo tenha dito que “suspendia as obras”, segue empenhado em fazer a estrada. Agora diz que fará um plebiscito, mas não aos indígenas (como obriga a Constituição e o artigo 160 da OIT), mas aos Departamentos de Cochabamba e Beni (onde se localiza o Tipnis).

A marcha indígena respondeu a Evo com um projeto de lei, apresentado pelos deputados indígenas, que afirma a

proibição de qualquer estrada que passe por Tipnis.

A marcha que não para

O enorme repúdio e mobilização popular obrigaram o governo a retirar o bloqueio. Em Caranavi, a 163 km de La Paz, os dirigentes do MAS pretendiam mobilizar os camponeses pobres contra os indígenas. Mas, ao contrário, no dia 7 de outubro, o povo de Caranavi recebeu os indígenas com flores, comida e festa.

Este apoio popular crescerá se a marcha chegar a La Paz e a El Alto. Nas principais cidades, há vigílias com estudantes, indígenas e outras pessoas em apoio aos manifestantes.

Além da indignação pela repressão, há um enorme descontentamento popular com um governo que descumpriu todas suas promessas de defesa dos recursos naturais. Os hidrocarbonetos seguem nas mãos da Petrobrás, Repsol, Total e outras empresas imperialistas. Os latifun-

diários seguem acumulando mais de 70% das terras cultiváveis. Os salários seguem sendo os mais baixos da América Latina (com salários entre 100 e 200 dólares para a maioria) e o desemprego e a informalidade superam os 60%.

A Associação La Protesta propõe que a COB e todas as organizações populares acompanhem os indígenas até o Palácio Quemado (Casa do Governo) para obrigar o governo a aprovar uma lei para que a estrada não passe por Tipnis, punir os autores pela repressão e atender às demandas salariais da COB.

A dirigente guarani Justa Cabrera, qualificou Evo como “capataz das transnacionais”. Isso é o que muita gente sente. Por isso, surgem vozes importantes que propõem uma alternativa política dos trabalhadores, dos indígenas, dos pobres, como tem feito Celso Padilla, dirigente guarani, e os mineiros, que votaram no seu XXXI Congresso para alcançar uma saída operária, popular e indígena à crise do país.

Violenta repressão aos indígenas!

Tentando derrotar a marcha indígena, o MAS, partido do governo, organizou um setor camponês armando-os com paus e dinamite – que nunca passou de 200 pessoas – para bloquear a rota na localidade de Yucumo, a 312 km de La Paz. Como isso não foi suficiente, colocou 500 policiais na rota para impedir a passagem e privar os indígenas de água e comida.

No sábado, dia 24, um incidente menor com o chanceler David Choquehuanca – que supostamente tinha ido “negociar” - bastou ao governo para lançar uma enorme provocação, acusando os indígenas de “sequestrar” o chanceler e de “ferir com flechas” quatro policiais. Tudo se demonstrou como uma grande falsidade, uma provocação para justificar o que tinham planejado.

Dia 25, domingo, às 17h15min, lançou-se, de surpresa, um violentíssimo ataque ao acampamento indígena, com balas de borracha, gás lacrimogênio e paus. Até as crianças foram barbaramente espancadas e com especial fúria os dirigentes. Foram feridos 54 indígenas, dois permanecem desaparecidos e 270 foram capturados e carregados em 10 ônibus, algemados e amordaçados com fita adesiva. O resto, incluindo mais de 100 crianças, fugiu para o mato.



O TIPNIS é a estrada para as transnacionais

A estrada prevista pelo governo de Evo corta em dois o Tipnis (Território Indígena y Parque Nacional Isiboro Secure), onde habitam 6000 indígenas chimanes, yuracares e moxeños, que vivem basicamente da caça, pesca e colheita de subsistência.

O Tipnis é reconhecido legalmente como propriedade coletiva dos indígenas. A estrada provocará a destruição de 2/3 da floresta tropical de Tipnis, com graves efeitos ambientais regionais, além de destruir o modo de vida de seus habitantes.

Evo Morales se comprometeu com Lula e as multinacionais Petrobrás, Total e Repsol em ceder-lhes grande parte do Tipnis para a exportação petroleira.

Lula, Evo, a OAS: “democracia” e negócios

Durante quase dois meses de marcha pelo Tipnis, Evo disse que “não tinha tempo” para ir falar com os indígenas. Contudo, no dia 30 de agosto, Lula chegou a Santa Cruz de La Sierra e Evo correu para vê-lo. A viagem de Lula foi parte de um evento pago pela empresa OAS, a construtora brasileira que possui o contrato de construção da estrada por Tipnis. Participaram grandes empresários do Brasil e da Bolívia. No dia seguinte, Evo disse que se faria a estrada por Tipnis “sim ou sim”. Os contratos da OAS

dependem de acordos políticos com a ajuda da chancelaria brasileira e financiamento do BNDES. Por isso, a OAS é “generosa” com os políticos brasileiros e especialmente com Lula, ao qual financiou campanhas eleitorais. Os acordos da OAS com a Bolívia datam de 2008. Dos tempos em que a direita golpista, da região da “Media Luna”, se rebelou (setembro de 2008) em Santa Cruz e outros Departamentos. A intermediação de Lula e Unasul (acordo político que une os países Sul-Americanos), supostamente em defesa da “democracia”,

permitiu o fim da rebelião mediante um acordo com a direita, que consistiu em mudar, em uma noite, 144 artigos da Constituição Política do Estado (de costas para o povo), para preservar seus latifúndios e 44 contratos petroleiros com companhias transnacionais, principalmente a Petrobrás. Além disso, nesses dias firmou-se o acordo com a OAS para a construção



de três estradas por um total de quase 1 bilhão de dólares. Foi esse o preço dos bons ofícios de Lula para chegar ao acordo? Apenas a estrada que pretendem construir no Tipnis tem

um sobre preço estimado em 200 milhões de dólares. O preço é de 1,3 milhões por km, quase o dobro do que custa uma estrada similar de 7 metros de largura na Bolívia.

Importante acordo entre o MST-Chile e a UIT-CI

Correspondência
Internacional

No convulsionado país irmão, os revolucionários acabam de dar um novo e importante passo de unidade, selado através de uma declaração política, onde se manifestam acordos estratégicos fundamentais.

Em primeiro lugar, a revolução árabe encontrou os militantes do MST-Ch (Movimento Socialista dos Trabalhadores do Chile) e os da UIT-CI (Unidade Internacional dos Trabalhadores – Internacional) coincidindo

na mesma visão política. Por isso, destacam no texto que a revolução democrática que está em curso é um momento da revolução permanente, e não uma etapa separada do processo da revolução socialista. Neste sentido, existe na declaração uma clara visão trotskista sobre a dinâmica revolucionária, em oposição à revolução por etapa, surgida da degeneração burocrática do PC da ex URSS.

A situação mundial foi outro tema em debate na reunião realizada no mês de setembro entre dirigentes das duas organiza-

ções, havendo coincidências gerais e particulares importantes. Sendo assim, houve também acordo sobre os governos com o falso discurso do “Socialismo do Século XXI”, como os de Evo Morales ou Chávez, que apoiados no seu histórico vinculado aos movimentos e seus atritos parciais com o imperialismo, desenvolvem uma política antioperária e antipopular. Isto ficou evidente na feroz repressão por parte do governo boliviano contra os indígenas que defendem seus territórios, ou no reiterado apoio do presidente Chávez ao

sanguinário ditador Kaddafi.

Outro aspecto fundamental foi em torno da concepção partidária. Neste ponto, ambas defendem a construção de partidos para a ação, com centralismo democrático, de disputa de direção com as correntes reformistas, oportunistas e sectárias, especialmente no nosso continente com o castro chavismo. Defendem também que a construção destes partidos não é de forma linear, mas através da unidade com outras correntes que a situação revolucionária mundial ajuda para que surjam.

Por último, vêm a luta por estes objetivos como parte ativa da construção de um partido mundial que organize os socialistas revolucionários o que levou o MST a iniciar uma relação fraterna com a UIT-CI, contribuindo para apoiar o fortalecimento do trotskismo morenista. Finalmente, ficou acordado que, após um período de discussão entre toda a militância, confirmando-se os acordos no terreno dos princípios e da estratégia, o MST se integrará organicamente à UIT-CI como parte de sua seção oficial.

ARGENTINA

Mobilização unitária liberta dirigente ferroviário preso pelo governo Kirchner

Na sexta feira, 1º de outubro de madrugada, policiais sem uniforme num operativo típico da ditadura militar, prenderam o companheiro Ruben Sobrero, “el Pollo”, dirigente ferroviário combativo, militante da Esquerda Socialista e partidário da FIT (Frente de Esquerda e dos Trabalhadores). O governo o acusou de “incendiar trens” com supostas provas que nunca apareceram. Porém, três dias depois, o mesmo Juiz que o deteve ordenou sua liberdade. A razão desta atitude obedece a uma poderosa mobilização que começou



Ruben Sobrero, “el Pollo”

no mesmo dia da prisão com paralisação dos ferroviários, e ao movimento amplo e unitário que repudiou o fato e reclamou sua liberdade. Milhares de pessoas no país e no mundo expressaram sua indignação

reclamando pela liberdade de El Pollo. Os partidos Esquerda Socialista (IE), Obrero (PO) e dos Trabalhadores Socialistas (PTS) que conformam a Frente de Esquerda, formaram as colunas que marcharam do Congresso

à Praça de Maio, encabeçados por 700 ferroviários. Mas, praticamente todos os partidos e grupos da esquerda estiveram presentes, como o Projeto Sul de Pino Solanas, Perez Esquivel e outros importantes grupos e dirigentes sindicais e políticos. Até os dirigentes governistas da CGT e da CTA tiveram que se pronunciar. Dos apoios internacionais, destacamos o de Noam Chomsky, assim como de importantes sindicalistas e dirigentes políticos de nosso país, Chile, Bolívia, Espanha, Peru, Colômbia, Venezuela, Costa Rica, Equador, França, EUA,

Honduras, Alemanha e México. Este ato e sua vitória significam um importante triunfo dos trabalhadores e do povo e uma clara derrota do governo, que pretendeu mais uma vez criminalizar os lutadores. Especialmente neste caso, tratou-se de um ataque político contra aqueles dirigentes que se atrevem a ter uma política independente do governo e da burocracia. Uma demonstração a mais da importância da Unidade, que teve um primeiro triunfo com a constituição da FIT e que se multiplicou e cresceu com a liberdade de Rubén Sobrero.